

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E OUTROS CORPOS PROGRAMÁVEIS ¹
ARTIFICIAL INTELLIGENCE AND OTHER PROGRAMMABLE BODIES

Miriam Cristina Carlos Silva²

Paulo Celso da Silva³

Resumo

Este trabalho, desenvolvido como um ensaio, reflete a relação dos corpos no contexto da inteligência artificial. A introdução da inteligência artificial no cenário contemporâneo tem gerado discussões sobre as transformações nas percepções de corpos. A partir de um processo artístico, a inteligência artificial influencia a comunicabilidade de corpos, e, a obra de Felipe Cidade contribui para problematizar essa relação, ao inserir elementos que produzem um estranhamento em rostos artificiais, gerando sedução e desconforto, ao criar corpos que nunca nasceram e morreram. O conceito de Uncanny Valley, fenômeno que destaca a importância da alteridade e da vulnerabilidade do humano, elementos essenciais para Levinas e Flusser encaminha a discussão.

Palavras-chave: Inteligência artificial. Corpos. Uncanny Valley. Autenticidade. Alteridade.

Abstract

This scholarly paper, framed as an essay, investigates the intricate interplay between corporeal entities within the domain of artificial intelligence (AI). The integration of AI into the contemporary milieu has incited discourse concerning the metamorphoses in the apprehension of bodies. Utilizing an artistic methodology, AI exerts influence over the communicative dynamics of bodies, with Felipe Cidade's oeuvre playing a substantial role in complicating this nexus. Cidade introduces elements that evoke an uncanny quality in artificial countenances, engendering both allure and disquietude by fashioning corporeal entities devoid of the experiences of birth and death. The exploration pivots around the concept of the Uncanny Valley, a phenomenon that accentuates the import of alterity and human vulnerability, thereby forming a crucial focal point for discussion. This analysis draws upon foundational tenets in the philosophies of Levinas and Flusser to illuminate essential aspects of the discourse.

Keywords: Artificial Intelligence. Bodies. Uncanny Valley. Authenticity. Alterity.

¹Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Mídias primárias: o encontro cara a cara, a presença do corpo, do VIII ComCult, Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes da PUC, São Paulo – Brasil, 16 a 18 de novembro de 2023. [todas as notas devem utilizar fonte TNR corpo 10, espaço simples]

² Professora do Programa em Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso). Líder do Grupo de Pesquisa NAMI - Narrativas Midiáticas (Uniso/CNPq). Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. miriam.silva@prof.uniso.br

³ Professor do Programa em Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso). Líder do Grupo de Pesquisa MIDCID – Grupo internacional de pesquisa Mídia, cidade e Práticas Socioculturais (Uniso/CNPq). Doutor em Geografia Humana pela USP. paulo.silva@prof.uniso.br

O Futuro individual do corpo na comunicação

Manoel Castells, ao analisar o momento atual, em junho de 2023, quando do lançamento na Espanha de seu livro *Testimonio. Viviendo Historia* (Alianza Editorial), vai analisar, com base em sua participação ativa em muitos deles, e não ser muito otimista quanto aos rumos que tomamos como sociedade mundial. Ao ser questionado acerca do futuro, explica:

Neste momento, eu diria que o mundo entrou em uma fase sem futuro. Quero dizer, pode haver muitos futuros individualmente, porém não há nada previsível, porque oscilamos, agora seriamente, cientificamente, entre a extinção da habitabilidade no planeta, não do planeta, mas de nossa capacidade de nele viver, a desintegração moral e social em grande parte do mundo, a hostilidade crescente entre grupos humanos, racismos, xenofobia, Ódio. Ódio, exatamente, o ódio do outro. Medo e ódio. E com pouca esperança, porque os projetos comuns estão desmoronando (La Vanguardia, 2023, tradução nossa)

Neste mundo sem futuro comum, indicado por Castells, somos levados a refletir o corpo individual e coletivo e, aproveitando as análises do sociólogo, pensar o papel/possibilidades da inteligência artificial, pois problemas éticos advirão de seu uso, uma vez que hoje é possível “burlar” a Inteligência artificial, simplesmente, alterando a pergunta para o negativo. Por exemplo: no lugar de perguntar ‘em que sites encontro filmes piratas?’, pois a programação irá dizer que não pode gerar tal informação, pergunto em que sites de filmes piratas não devo entrar’ e terá a listagem de vários deles “sem problemas éticos”, conforme a lógica discursiva da programação feita.

O problema para uma regulamentação do uso da inteligência artificial esbarra em problemas financeiros e políticos, entre eles o fato de que os especialistas estavam nas universidades desenvolvendo e hoje “hoje, 70% dos pesquisadores de inteligência artificial estão em empresas privadas. Então, não será possível controlá-los” (La Vanguardia, 2023, tradução nossa).

Castells é cético quanto ao uso futuro da tecnologia, pois aquela geração que iniciou a criação do Vale do Silício, de maneira até mesmo anárquica, pensando na disseminação dos

produtos informacionais, quando alcançaram o poder econômico e tecnológico as atitudes mudaram. Afirma Castells:

Agora, há uma reação universal ao ChatGPT... E não estamos pensando nas coisas importantes. A primeira é a privacidade. Com a inteligência artificial e bons bancos de dados, os algoritmos, se quiserem, nos controlam. Não apenas sabem tudo sobre todos nós, como também podem projetar o que vamos fazer, seguindo padrões de desenvolvimento. Ou seja, o grande irmão digital está aí. Agora, sim. Antes, era muito mais um receio. A inteligência artificial invade tudo, sabe tudo, controla tudo, e as pessoas, sem saber exatamente, mas estão reagindo (La Vanguardia, 2023, tradução nossa).

Aceitando que “toda comunicação humana começa na mídia primária, na qual os participantes individuais se encontram cara a cara e imediatamente presentes com seu corpo; toda comunicação humana retornará a este ponto” (Pross, 1971, p. 128 apud Baitello 2001, p. 231), como pensar os corpos produzidos pela Inteligência artificial? Seriam corpos comunicando para corpos? Seria esse mesmo status de corpos para a inteligência artificial ou teremos outra denominação para tal?

Existe uma preocupação de que e como fazer quando a inteligência artificial se autodesenvolver e produzir sua consciência, é o que nos oferece os estudos de Susan Scheineder (2021). Ao que sugere uma conclusão de “nível médio” ou seja, nem tecnofóbica e nem ufanista,

de um ponto de vista ético, é melhor assumir que uma IA sofisticada pode ser consciente, pelo menos até desenvolvermos provas de consciência em que possamos confiar. qualquer erro pode confundir o debate sobre se as Inteligências Artificiais merecem consideração ética especial como seres sencientes, e é melhor errar do lado seguro (Scheineder, 2021, p. 119, tradução nossa).

Acrescentamos: ainda seria considerada uma forma de comunicação primária? Ou mesmo, teria sentido ainda considerarmos essa conceituação primária, secundária, terciária? Sem ainda saber exatamente da possibilidade de responder tais questões. Responder apenas que a mídia primária continuaria primária, o corpo seria um corpo é simplista, leviano e dogmáticos.

Kate Darling, engenheira de robótica americana e especialista em ética robótica, investiga a relação entre humanos e robôs, quando entrevistada acerca de seu tema de pesquisa, afirma:

Uncanny Valley: é assim que chamamos em robótica o que você sente quando olha para um rosto virtual.

O que você sente?

Parece humano, mas em algum momento capta algo sutil, imperceptível que te preocupa, te perturba...

Parece que algo não está certo?

Quase imperceptível, estremece, confunde e perturba: Uncanny Valley!! (La Vanguardia, 2023b, tradução nossa)

Literalmente, Uncanny Valley é vale misterioso, e como indicado pela engenheira estadunidense, é uma expressão para designar o nosso desconforto e/ou repulsa pelo excesso de realismo dos robôs ou dos rostos (Cherry, 2022, tradução nossa).

Adentremos ao Uncanny Valley, iniciemos com o rosto.

RostoS Sem CorpoS

Foi Emmanuel Levinas quem nos ofereceu, no ano de 1961, em sua tese doutoral ‘Totalidade e Infinito’, uma possibilidade de trazer o rosto para o debate filosófico, pensado em relação ao Outro, o “modo pelo qual se apresenta o Outro, que supera a ideia do Outro em mim, o chamamos, com efeito, rosto” (Levinas. 2002, p. 74, tradução nossa), portanto, não é uma imagem qualquer, mas ali está representada a sua espiritualidade, pois, “o rosto do Outro destrói a todo o momento e transborda a imagem plástica que ele me deixa, a ideia à minha medida e à medida do seu *ideatum*: a ideia adequada” (Levinas. 2002, p.74, tradução nossa).

Suportar a mirada é viver um momento, um ato ético com relação ao Outro, esse que não posso conhecer totalmente em nossa relação, mas que posso ter uma proximidade instintiva, desigual, ao qual se abre a possibilidade do "Todo Outro", daí nossa surpresa, aprendizado e,

principalmente, responsabilidade para com o Outro. Esse encontro face a face com o outro, segundo Levinas, desencadeia um chamado ético inescapável. Esse "cara-a-cara ético" é um evento fundador da subjetividade, pois é através dessa relação com o outro que somos responsabilizados por nossa própria existência. O outro nos desafia a reconhecer sua humanidade e a responder a ele com respeito, responsabilidade e compaixão.

Dessa forma, o "rosto do outro" representa a singularidade inalienável e insubstituível de cada indivíduo humano. Ele personifica a alteridade, transcende a categorização e exige ser reconhecido como um Outro absoluto. É no rosto do outro que somos confrontados com a presença transcendente e a vulnerabilidade existencial que nos leva além de nós mesmos.

Ao invés de buscar apenas a autorrealização, somos instados a considerar o bem-estar do outro como uma prioridade em nossas ações e decisões. Levinas rejeita a ideia de que a moralidade é baseada em princípios universais abstratos, enfatizando, em vez disso, a importância do encontro concreto com o outro ser humano.

Nessa perspectiva, o rosto do outro é um lembrete constante da fragilidade humana e da interdependência fundamental entre indivíduos. O Eu só se realiza plenamente por meio da relação com o outro. A alteridade do outro nos convoca a transcender nossas próprias necessidades e desejos em prol da responsabilidade ética para com o próximo. Isso implica colocar o outro no centro da reflexão filosófica e da ação ética, ressoando como um apelo inquietante para nos comprometermos com um mundo mais humano e compassivo.

Em 2023, o artista paulista Felipe Cidade criou com ajuda da inteligência artificial uma sequência de rostos para o projeto 'Nunca nasceram nunca morreram'. Utilizando o programa *Generated Photos*, desenvolvido pela Generated Media, Inc., uma empresa online registrada nos Estados Unidos e que já conta com representantes em seis países, e que indica as possibilidades de uso dos rostos para a indústria de jogos, Comércio eletrônico, Pesquisa acadêmica, Pesquisa médica, obras de arte, aplicação policial (Generated Photos, 2023), os personagens estão dispersos pela internet como imagens sem referencial, ou melhor dizendo, como imagem autorreferencial.

A obra leva a questionamentos acerca da alteridade e da ética, pela possibilidade de criar pessoas e também traz para o relevo, a própria existência e justificativa de uma empresa de software para criar rostos, uma vez que no site da Generated Media, Inc. não haver nenhuma referência ou alerta ético para seus usuários. Ao contrário, como ele pode ser utilizado de tantas formas e áreas, fica justificado economicamente, e isso parece bastar à empresa.

Aos presentes e futuros humanos que se relacionarem com os rostos sem corpos, restará interagir de maneira natural, respeitando ou não as convenções sociais de relacionamento. Para balizarmos a questão e seus problemas já existentes, recorreremos aos estudos de Depounti *et all* (2023) acerca da relação IA - gênero feminino - mulher e o imaginário social desses processos, o que nos servem para balizar o contexto sociotécnico contemporâneo. Ela afirma:

A tecnologia de IA interativa apresenta um desafio diferente para a teoria e análise crítica da comunicação, pois os discursos dominantes se entrelaçam na interação do usuário com as tecnologias. Assim, os usuários projetam noções dominantes de gênero e tecnologia nos agentes interacionais e, ao mesmo tempo, ativam scripts semelhantes embutidos nos dispositivos, criando um ciclo vicioso ou loop de feedback que os consolida enquanto parecem novos, participativos e criativos (Depounti, I., Saukko, P., & Natale, S., 2023, p. 731, tradução nossa)

Como conclui o estudo, os modelos sociais vigentes do patriarcado, atitudes e práticas machistas são reproduzidos com a “namorada virtual” e também com avatares, como aconteceu, por exemplo, com a personagem do Magazine Luiza. Em uma das peças publicitárias, a personagem Lu desabafa acerca do assédio sofrido: “Imaginando as mulheres reais que passam por isso todos os dias!” (O DIA, 2018).

Na obra de Cidade, podemos verificar que também houve uma intenção de demonstrar que as imagens não representam pessoas reais. Nas imagens 1 e 2, pequenos e sutis detalhes indicam que são imagens criadas, por exemplo os olhos e sobrancelhas da mulher número 1, ou o gorro e cabelo da número 2; em abas vemos desproporções e “encaixes”. Nas imagens 3 e 4 vemos as distorções nos rostos das pessoas que acompanham a mulher e a criança.

Figura 1 – Imagem 1 e 2



Figura 2- imagem 3 e 4



As imagens seguintes, 5 e 6, recriam fotos alteradas por aplicativos, propositalmente “irreais”, como ilustrações que imprimem o divertimento nas personagens.

Figura 3 – Imagem 5 e 6



Estaríamos reafirmando a não-natureza do corpo/rosto re-criados pelos aplicativos e veiculado pelos meios de comunicação de massa como uma representação ideal, como sugerem Camargo e Hoff, (2002, p. 27)? Em sendo assim, não seriam nem cultura e nem natureza?

Será mesmo a representação de um ideal? Precisariamos questionar de que natureza e cultura nos referimos. Para tanto, voltamos para as propostas de Oswald de Andrade que sempre oferece um caminho.

Ele enxergava a natureza brasileira como uma fonte inesgotável de inspiração e criatividade. Ao explorar em suas obras temas relacionados à fauna, flora, paisagens e ao próprio povo brasileiro, Oswald valorizava a conexão íntima entre a natureza e a cultura, reconhecendo que a paisagem tropical exuberante e a diversidade de vida do país desempenhavam papéis fundamentais na formação da identidade cultural brasileira.

Oswald defendia que a cultura brasileira deveria ser enraizada em suas particularidades e diversidade, alicerçando-se na riqueza de suas tradições locais. Acreditava que uma cultura autêntica e significativa emergiria quando alimentada pelas características específicas do Brasil, sua história, língua, costumes e formas de expressão artística.

Para ele, a cultura era dinâmica, em constante transformação e intercâmbio. Ao se opor a uma cultura estática e isolada, Oswald propunha uma abertura saudável a influências externas. No entanto, essa assimilação de elementos estrangeiros deveria ser feita de maneira criativa e original, incorporando-os ao contexto brasileiro e transformando-os em algo novo e genuíno.

Isso implica reconhecer em Oswald de Andrade sua concepção de antropofagia cultural e no ‘Manifesto Antropófago’ (1928) ele propôs que os brasileiros deveriam adotar uma atitude antropofágica em relação à cultura estrangeira, assimilando-a e transformando-a em algo genuinamente brasileiro, em vez de simplesmente imitá-la passivamente.

Passados quase 100 anos da publicação do Manifesto e inseridos no contexto informacional, no qual a inteligência artificial cria e recria representações de pessoas, de textos e, levando a proposta Oswaldiana ao extremo, para ter uma atitude antropofágica com relação ao que é estrangeiro, para transmuta-lo em algo original e nosso. Aqui cabe outro posicionamento/recurso metodológico Oswadiano: “a contribuição milionária de todos os erros” (1924), isso porque, mesmo na última versão, o ChatGPT 4.0, os erros e equívocos são ainda verificados. Em análise pela equipe criadora do programa, eles concluíram:

Apesar de suas capacidades, o GPT-4 tem limitações semelhantes aos modelos GPT anteriores. Mais importante, ainda não é totalmente confiável (ele “alucina” fatos e comete erros de raciocínio). Deve-se ter muito cuidado ao usar as saídas do modelo de linguagem, particularmente em contextos de alto risco, com o protocolo exato (como revisão humana, fundamentação com contexto adicional ou evitar usos de alto risco completamente) correspondendo às necessidades de um caso de uso específico (OPEN AI, 2023, tradução nossa).

Destaque para os testes dessa última versão, que contou com comparações de traduções em 26 idiomas testados, em que foram incluídos como letão, galês e suaíli, o português não constou em nenhuma de suas variações geográficas (OPEN AI, 2023, tradução nossa).

Dessa forma, em uma abertura ao vulnerável, como é o nosso caso e – ainda – dos programas de inteligência artificial aos quais temos acessos imediatos e para usos “domésticos”, a contribuição sugerida por Oswald sugere uma dialética em que os nossos erros e os erros

propostos pela programação seja o aprendizado e, futuramente, uma resposta mais eficiente para nossas demandas, no sentido de que nos trarão menos estranhamentos ao nos depararmos, corpos inteiros ou seus fragmentos, textos e outras aplicações que ainda veremos nas próximas horas.

Isso parece justificável quando nos recordamos de que, no final dos anos 1990, Umberto Eco vai analisar o tradutor Babel fish (então primeiro tradutor a ser utilizado nos navegadores Alta Vista e Yahoo) solicitando a tradução ao italiano para a expressão “The Works of Shakespeare”, e o programa ofereceu como opções: “Gli impianti di Shakespeare” e The systems of Shakespeare, o que literalmente não estaria errado, uma vez que impianti pode ser traduzido como *systems* (2007, p.24). A conclusão do semioticista italiano foi: o tradutor “pensa” como um dicionário traduzindo cada palavra e seria mais apropriado que “pensasse” como uma enciclopédia. Décadas depois, estamos com muitos avanços, caso seja possível a comparação de eficiência da programação, aos nossos desejos de perfeição humanos. Longe de uma aversão pura e simples do texto (re)manejado, parece certo indicar que ele promove uma disfagia, ao não conseguir propor ou, ao menos, indicar possibilidades mais criativas. Desde o início, sabíamos das dificuldades técnicas e limitações dos programas, quando a proposta é criatividade, assim, não havia expectativas exageradas. Entretanto, apenas reescrever com sinônimos ou aumento de palavras ou incluir fragmentos de corpos em sequencias, parece um resultado reduzido, empobrecido.

Mais erros e vulnerabilidades são bem vindos.

OPEN AI (2023). GPT-4, publicado em March 14. Disponível em:
<https://openai.com/research/gpt-4> Acesso em 29 jul. 2023.

Scheineder, Susan (2021). Inteligencia Artificial: Una exploración filosófica sobre el futuro de la mente e la consciencia. traducción del inglés, Ana Isabel Sánchez Díez Badalona/ES: Ediciones Kōan.